



# Cavalariças

zona instável



# Cavalariças

zona instável

Até onde o modelo tradicional de espaço de exposições determina limites à experimentação artística ao submetê-la às suas condições? Nas primeiras décadas do século XX, institucionaliza-se o modelo como o conhecemos hoje – paredes brancas, chão neutro, iluminação clara, homogênea e arquitetura sem interferências. Na austeridade asséptica deste ambiente, qualquer obra poderia, em princípio, a despeito de sua singularidade, ser apresentada em sua totalidade. Revelaria assim, de forma objetiva e preservada de qualquer contaminação externa, a pureza de sua essência. Este modelo de espaço ideal e invisível almejava à universalidade utópica característica do pensamento moderno.

No entanto, a topologia arquitetônica tem determinado, necessariamente, o tamanho das obras expostas, seu número, distâncias, estabelecido percursos e modos de ver, e instituído uma organização que afeta a percepção de cada obra e de seu conjunto, ativando novos sentidos – que podem favorecer ou não às obras expostas. Esta modalidade de espaço de exposições tem funcionado com certa eficácia para meios como a escultura e a pintura, a ponto de incorporarem-se fortemente à nossa tradição e pouco modificou-se, apesar da enorme pluralidade de procedimentos e posturas que caracterizam a produção artística desde os anos 60.

O Minimalismo, Site-specific, Land-art, o aparecimento das instalações, etc, fazem surgir uma concepção de obra não mais auto-suficiente, mas com uma intrínseca relação com o espaço onde é instalada, ativando-o, modificando-o e tornando-o um componente de sua estrutura significativa. Como então repensar este espaço? Como torná-lo mutável, flexível, para adaptar-se às singularidades das obras atuais? Estas interrogações serviram de base para o desenvolvimento do projeto “Zona Instável” pela Escola de Artes Visuais. Este projeto inicia as atividades de sua nova área de exposições, as Cavalariças.

Aproveitando as características atuais do pavilhão, ainda em processo de restauro e, conseqüentemente, seu aspecto transitório, o projeto “Zona Instável” convidará artistas para desenvolver trabalhos, cujas características exijam uma utilização de espaços flexíveis e que por isso não poderiam ser apresentados em museus ou galerias convencionais. Cildo Meireles e Luiz Alphonso de Guimaraens são os artistas convidados para inaugurar a nova Galeria, juntamente com uma mostra de trabalhos de Alfredo Fontes, artista homenageado.

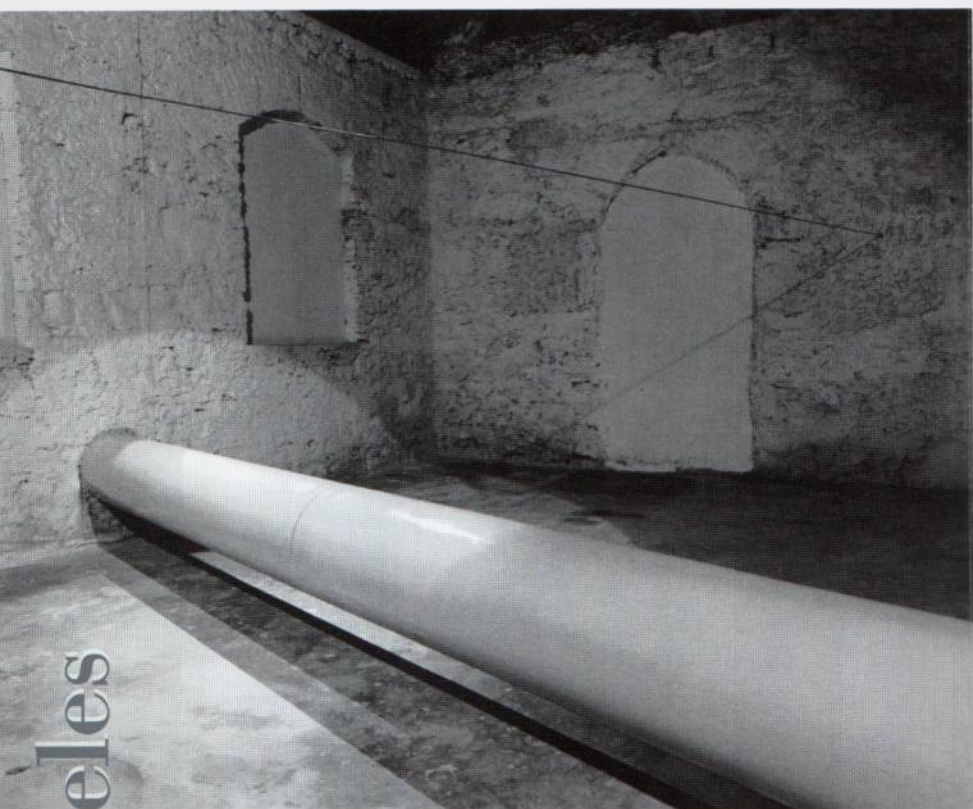
Até onde o modelo tradicional de espaço de exposições determina limites à experimentação artística ao submetê-la às suas condições? Nas primeiras décadas do século XX, institucionaliza-se o modelo como o conhecemos hoje – paredes brancas, chão neutro, iluminação clara, homogênea e arquitetura sem interferências. Na austeridade asséptica deste ambiente, qualquer obra poderia, em princípio, a despeito de sua singularidade, ser apresentada em sua totalidade. Revelaria assim, de forma objetiva e preservada de qualquer contaminação externa, a pureza de sua essência. Este modelo de espaço ideal e invisível almejava à universalidade utópica característica do pensamento moderno.

No entanto, a topologia arquitetônica tem determinado, necessariamente, o tamanho das obras expostas, seu número, distâncias, estabelecido percursos e modos de ver, e instituído uma organização que afeta a percepção de cada obra e de seu conjunto, ativando novos sentidos – que podem favorecer ou não às obras expostas. Esta modalidade de espaço de exposições tem funcionado com certa eficácia para meios como a escultura e a pintura, a ponto de incorporarem-se fortemente à nossa tradição e pouco modificou-se, apesar da enorme pluralidade de procedimentos e posturas que caracterizam a produção artística desde os anos 60.

O Minimalismo, Site-specific, Land-art, o aparecimento das instalações, etc, fazem surgir uma concepção de obra não mais auto-suficiente, mas com uma intrínseca relação com o espaço onde é instalada, ativando-o, modificando-o e tornando-o um componente de sua estrutura significativa. Como então repensar este espaço? Como torná-lo mutável, flexível, para adaptar-se às singularidades das obras atuais? Estas interrogações serviram de base para o desenvolvimento do projeto “Zona Instável” pela Escola de Artes Visuais. Este projeto inicia as atividades de sua nova área de exposições, as Cavalariças.

Aproveitando as características atuais do pavilhão, ainda em processo de restauro e, conseqüentemente, seu aspecto transitório, o projeto “Zona Instável” convidará artistas para desenvolver trabalhos, cujas características exijam uma utilização de espaços flexíveis e que por isso não poderiam ser apresentados em museus ou galerias convencionais. Cildo Meireles e Luiz Alphonso de Guimaraens são os artistas convidados para inaugurar a nova Galeria, juntamente com uma mostra de trabalhos de Alfredo Fontes, artista homenageado.

# cildo meireles



Cildo Meireles desenvolveu o projeto “Pintura nº 1” – um tubo de 45 centímetros de diâmetro, que atravessa o espaço da sala, engastando-se nas paredes opostas, a alguns centímetros do chão. Situado acima do primeiro, a um metro de distância, no sentido oposto, corre um outro, muito mais fino, cerca de 1 centímetro de diâmetro. Este trabalho, como já insinua o título irônico, desafia a definição tradicional de pintura. Cildo desvencilha-a do suporte plano e da leitura frontal, mas preserva certos aspectos convencionais desta técnica – a superfície pintada, as cores saturadas e complementares e a referência à concepção de pintura como representação. O maior dos tubos, pintado com um forte amarelo, traz sobre si uma pequena faixa roxa transversal, que representa a sombra do tubo menor projetada sobre sua superfície. Já o menor, pintado de roxo, mostra em sua parte inferior a projeção do tubo maior, pintada em amarelo. Esta pequena faixa de cor quente parece ser efeito da luz que emana do tubo maior e que o ilumina. O uso dos “contrastes simultâneos” e a sugerida relação de luz e sombra, estabelece um diálogo com procedimentos técnicos tradicionais da história da pintura.

Cildo curva o espaço pictórico plano, sua superfície é cilíndrica. Os olhos e o corpo do espectador podem percorrê-la longitudinalmente, mas os cilindros atravessados na sala, dificultam a passagem e impõem um lado para a observação da obra, como que nos trazendo à lembrança o ponto de vista único imposto pela pintura tradicional. Ao formarem ângulos com as paredes da sala, os tubos acentuam a sensação dinâmica que parece fazê-los expandir para além dos limites físicos do ambiente, despertando em nós a consciência de um virtual espaço exterior.

Sensações virtuais também estão presentes no trabalho de Luiz Alphonsus, “Flutuante”. Contraditoriamente ao título da obra, o espectador se surpreende com um pesado bloco de granito situado, imóvel, logo na entrada da exposição. Seu peso, é ainda mais acentuado ao parecer afundar na base negra e macia que o suporta. A flutuação parece impossível. De cada um de seus quatro cantos superiores, parte um fio branco em direção a uma enorme superfície azul na parede lateral da sala. Juntos, os fios criam o desenho de um quadrado sobre este fundo – a projeção plana do cubo. Este começa a desmaterializar-se, perde o volume e inicia o vôo improvável. Os fios continuam seu percurso e partindo do quadrado recém formado, decolam em direção a outro fundo azul, menor, situado no alto da parede oposta, onde desenhavam outro quadrado menor. A altura se eleva, aumentada pela perspectiva. O cubo ganha o espaço. Após ricochetear nesta segunda superfície, o quadrado projeta-se sobre outra, ainda menor e mais alta na parede adjacente, onde finalmente desmaterializa-se por completo, tornando-se um ponto sem dimensão.

Luiz Alphonsus constrói seu vôo a partir de uma série sucessiva de insinuações. Os fios convidam o olhar do espectador a segui-los pelo espaço da sala que se amplia ainda mais na profundidade dos planos azuis. A transição da escultura para o desenho, do volume para o plano e deste para o ponto, nos faz inferir uma leveza oposta ao

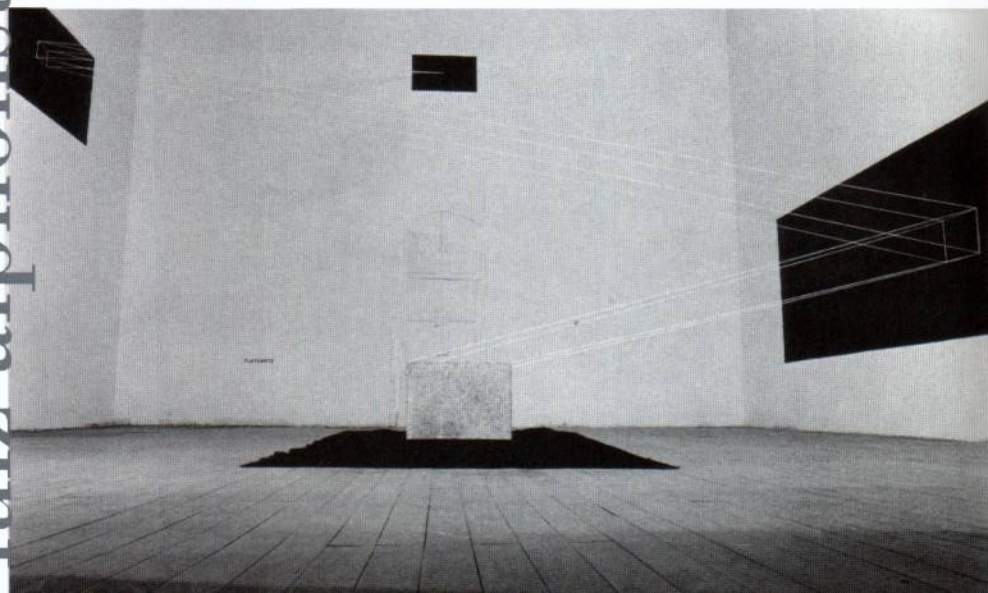
peso inicial. Ponto, linha, plano e volume, elementos fundamentais nas artes plásticas constroem aqui uma situação poética, na qual quem voa na verdade é a imaginação.

Alfredo Fontes é o artista homenageado. Devido à sua morte prematura em 91, seus trabalhos são pouco conhecidos do público. Esta exposição é uma oportunidade de se entrar em contato com uma parcela de sua obra, remontada por Cildo e Luiz Alphonsus, seus amigos desde os anos 60, época em que conviviam em Brasília.

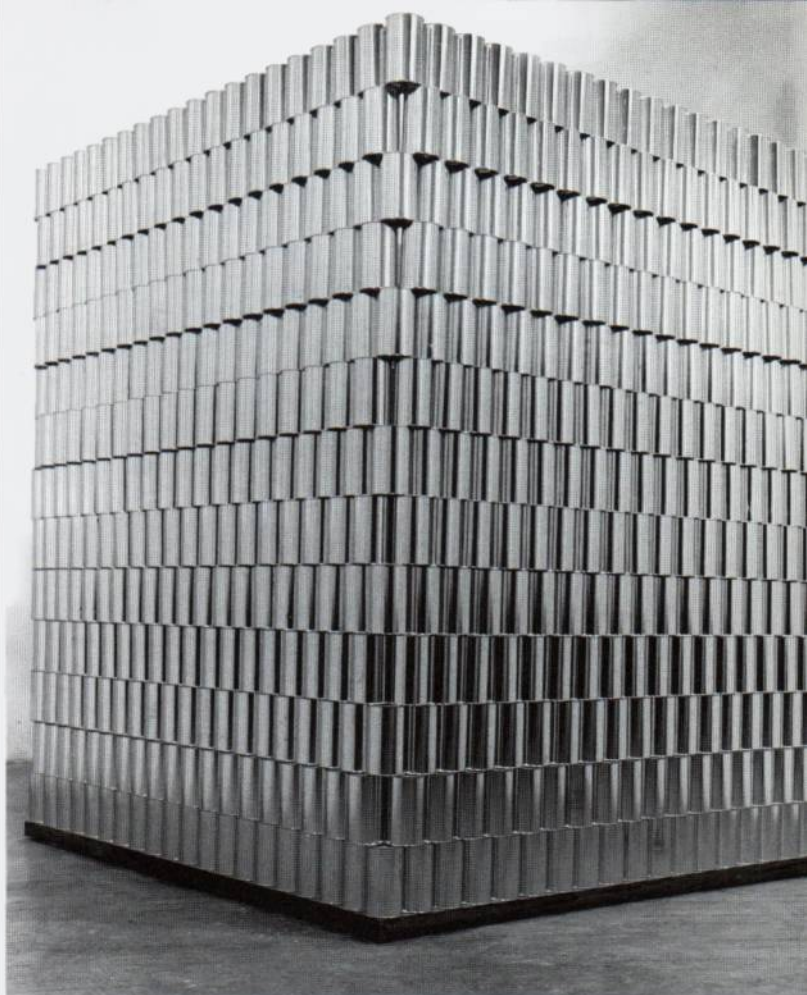
Alfredo mantinha no Rocha, subúrbio do Rio de Janeiro, um misto de *atelier*, galeria e residência, frequentado por diversos artistas e críticos. Deste ambiente suburbano de características muito próprias, Alfredo construía o universo de sua obra. A utilização de textos, a transitoriedade de alguns trabalhos, e uma forte motivação política e social, insere seu trabalho na vertente conceitual, marcante nos anos 70, especialmente no Brasil da ditadura militar.

As obras “Por que trabalhar?” – apresentado como uma pergunta impressa numa placa e em filipetas distribuídas aos passantes na Cinelândia, local tradicional de manifestações políticas do Rio de Janeiro – e “Saco de Gatos” – um enorme saco fechado de onde se podia ouvir o miado gravado dos animais, apresentado em Brasília – demonstram bem a preocupação de Alfredo em fazer da arte um instrumento de discussão política, indo de encontro ao purismo formalista, ao inseri-la no cotidiano, nas ruas e na vida.

luiz alphonsus



# alfredo fontes



Seus trabalhos parecem propor um ciclo, um fluxo contínuo, um ir e vir, em que obra e artista se fundem num esforço de integrar-se ao mundo, sem exclusão. Obras como “Na esperança que um dia ele volte a mim com mais vidas” – elaborado a partir de recibos de doações de sangue do próprio artista – ou “Pertencemos a tribos diferentes mas não somos inimigos” – frase veiculada junto a diferentes fotografias – ou ainda “Supermercado, palácio dos desejos” – um enorme cubo formado por latas empilhadas, sobre a qual Alfredo afirmou: “aqui cada lata é um homem”, insinuando a ambiguidade entre consumidor e consumido – revelam ao mesmo tempo o lado crítico do artista e sua esperança de integração e de reconciliação com o mundo.

A presença da obra de Alfredo Fontes, pelo seu aspecto inconformista, sua vontade de vida, liberdade e desejo de coexistência de diferenças é bastante significativa para a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, na inauguração de seu novo espaço de exposições, as Cavalariças, pois parece sintetizar o espírito da Escola ao longo dos anos. Além de um local de ensino já incorporado ao universo das artes plásticas do País, a EAV é também um local de encontro, integração, discussão e difusão de diferentes formas de manifestação artística e cultural. A árdua conquista deste novo espaço é uma vitória dos artistas, da cultura e da cidade sobre a burocracia, interesses particulares e políticos conservadores, reafirmando o Parque Lage como um dos mais importantes espaços de cultura e resistência do Rio de Janeiro.

**Governo do Estado do Rio de Janeiro**

**Governador**

Anthony W. Garotinho Matheus de Oliveira

**Secretaria do Estado de Cultura**

**Secretario**

Adriano José de Aquino

**Escola de Artes Visuais do Parque Lage**

**Diretor**

Luiz Ernesto Moraes

**Diretora Substituta**

Ivete Miloski

**Conselho de Direção**

Charles Watson

Marco Veloso

Suzana Queiroga

**Coordenadora de Ensino**

Viviane Matesco

**Coordenador de Exposições**

Nelson Augusto

**Coordenadora do Núcleo de Crianças e Jovens**

Maria Tornaghi

**Associação dos Amigos da  
Escola de Artes Visuais**

**Presidente**

João Leão Sattamini Netto

**Primeiro Vice-Presidente**

Luiz Alphonsus de Guimaraens

**Segundo Vice-Presidente**

Nelson Laks Eizirik

**Administradora da Secretaria**

Alexandra Nascimento

**Cavaliariças**

**coordenação de produção**

Elisa de Magalhães

**fotos**

Adelmo Lapa

**programação visual**

Mameluco: Noni Geiger, Adriana Fuerth

**agradecimento**

Luiz Alphonsus de Guimaraens

**endereço**

rua Jardim Botânico 414

Rio de Janeiro 22461-000

T 538-1879

eavparquelage@openlink.com.br

<http://www.eavparquelage.org.br>



**ESCOLA DE ARTES VISUAIS**  
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

**AMEAV**



**DIGITAL  
MEGA  
PRINTS**